

**Narrativas da informação em plataformas de redes sociais:  
as trajetórias de três jovens fenômenos da comunicação digital**

**Mirian A. Meliani Nunes<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este estudo relaciona as narrativas construídas em torno da trajetória e do discurso de três jovens atores sociais, em perfis mantidos em redes sociais digitais, capazes de gerar processos comunicacionais relevantes e alto volume de respostas. O que, em suas características pessoais e habilidades narrativas, cria interesse em torno do que publicam? A que anseios respondem com suas características específicas? O que dizem sobre os processos da comunicação, uma vez que são originários de três grandes metrópoles brasileiras (Florianópolis, Rio de Janeiro e Salvador)? Para encontrar essas respostas, analisamos suas trajetórias, enunciados publicados em perfis digitais no Facebook e Twitter e a repercussão que alcançam em diferentes espaços midiáticos, relacionando tais aspectos ao estudo das redes sociais digitais e da área da comunicação no Brasil.

**Palavras-chave:** redes sociais digitais, juventude e localidade, ciberjornalismo, culturas urbanas, comunicação digital.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias - CNPq, professora do Cogea/PUC-SP, jornalista (PUC/SP) e bacharel em História (FFLCH/USP). Email: [mimeliani@gmail.com](mailto:mimeliani@gmail.com)

## 1. Uma ideia de Brasil

Uma das mais fortes imagens construídas em torno da crença na existência de uma identidade capaz de definir o espaço geográfico que, hoje, chamamos de Brasil é a de um lugar onde tudo se mistura: todos os povos, ritmos, culturas, climas, geografias, todos os mundos possíveis. Quantos Brasis cabem, então, no Brasil? Quantas traduções do ser brasileiro se acomodam em espaços digitais que se propõem a alinhar conexões infinitas, múltiplas narrativas, milhões de personagens, oriundos das territorialidades mais diversas?

Esses espaços, quase míticos em suas hiperdimensões, encontram-se e revelam-se mutuamente quando o Brasil, sufocado por uma urbanização repentina e desordenada, que o aparta de si mesmo, descobre, ávido, uma janela para a casa do vizinho, cujas frestas permitem espiar o que ela prepara para o almoço. De lá, dá para ver, ainda, o quintal do amigo, que ensaia os passos da dança mais recente. É quase como estar na sala da tia que comenta a novela do horário nobre ou sentar-se no banco da praça em que aposentados reclamam dos desvios éticos dos poderosos. Ao mesmo tempo, é possível estar no meio de um palco aberto para o mundo todo, interferindo e opinando sobre questões políticas, econômicas e culturais. Eis um espaço perfeito para extravasar a eloquência nacional. Eis onde o Brasil encontra as redes sociais digitais e faz delas território para exercer suas singularidades.

Essa lógica invasiva e sem limites também se apresenta na arquitetura irregular e orgânica dos morros cariocas, como o Complexo do Alemão, encravado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil), em que pequenas casas de alvenaria desafiam as leis da gravidade, onde os espaços privados e públicos se confundem, onde os sons e cheiros do dia a dia de um vizinho invadem, sem pedir licença, a residência do outro. Ali, um garoto chamado Rene Silva sobe e desce as escadarias irregulares, com a mesma rapidez que tecla seu smartphone, conversando offline e publicando online, sem pensar onde começa uma ação e termina a outra. Ele possui muitos “amigos” no Facebook e muitos “seguidores” no Twitter, acumula o chamado

capital social<sup>2</sup>. Reclama da falta de água no bairro e recebe resposta assinada pelo perfil oficial do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

**Rene Silva**

Governo do Estado respondeu minha mensagem no Twitter sobre a falta de água no Complexo do Alemão.

"Técnicos já estão trabalhando no reparo para normalizar o fornecimento o mais rápido possível"— respondeu o Governo do Estado através do Twitter



Situação semelhante vive a adolescente Isadora Faber, moradora da região de Santinho, bairro ao norte da ilha de Florianópolis, em Santa Catarina, região marcada pela presença de enorme empreendimento turístico, o Costão Santinho Resort e Spa, que ocupa uma área de 1 milhão de metros quadrados, 750 mil deles localizados em área de reserva da Mata Atlântica.

Quando abriu a página Diário de Classe, com 13 anos de idade, Isadora pensava conseguir cerca de 100 seguidores, entre amigos e familiares. Filha de gaúchos de Pelotas, que convivem com a desconfiança dos locais por serem vistos quase como “estrangeiros”, faz parte de uma família de classe

---

<sup>2</sup> Capital social, aqui, é utilizado no sentido que lhe dá Raquel Recuero (2011), cruzando conceitos de Putnam (2000), Bourdieu (1983) e Coleman (1988) e a classificação adotada por Bertolini e Bravo (2001).

média e sempre foi a pé para a Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho. Insatisfeita com as condições da escola, resolveu denunciar as pequenas irregularidades que testemunhava.

Aberto como uma *fanpage*, ou seja, uma página que os seguidores podem apenas “curtir” e seguir as publicações do administrador, comentando dentro de seus “posts”, o Diário de Classe foi criado por Isadora no dia 11 de julho de 2012. Até o início de agosto daquele ano, possuía cerca de 400 fãs ou seguidores. No final do mesmo mês, chegava a mais de 6 mil e, um ano depois, alcançou mais de 620 mil acessos.

Por conta desses resultados, passou por situações improváveis para alguém de sua idade, recebendo inúmeros prêmios e reconhecimentos, como ao ser incluída na lista dos “25 brasileiros que devem ser observados”, elaborada pelo jornal inglês Financial Times no início de 2013, ou ao enfrentar as duras reações de professores, funcionários e até mesmo de seus colegas de escola. Chegou a receber ameaças de morte e teve a casa atacada, deixando ferimentos leves em sua avó, que acabou hospitalizada.<sup>3</sup>

A figura frágil, tímida e os longos cabelos contribuem para lembrar o arquétipo do *puer aeternus*. A disposição de expor-se a perigos em defesa da educação, um tema tão fundamental para o Brasil, cujo potencial simbólico demonstrou estar em alta nas Manifestações de Junho de 2013, colocou-a no grupo de pessoas capazes de gerar transformação não apenas em âmbito local, criando mais um modelo possível de “herói juvenil” dentro das redes, capaz de gerar reações extremadas, de amor e ódio.

Rene Silva, o jovem carioca que começou a atuar em sua comunidade aos 11 anos de idade, quando criou o jornal impresso “Voz da Comunidade”, possui um viés identitário também ligado à imagem do *puer*, daquele que não foi “contaminado” pelos interesses do mundo da ordem e do poder constituído, embora essa aura dependa de um equilíbrio difícil de manter perenidade.

---

<sup>3</sup> Notícia disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/11/06/casa-de-aluna-que-criou-diario-de-classe-e-apedrejada-em-florianopolis-avo-fica-ferida.htm>

Em 2010, ano em que o Exército e a polícia do Rio de Janeiro ocuparam o Complexo do Alemão, região dominada por uma facção do crime organizado baseado no tráfico de drogas, Rene, com 17 anos, ocupou-se da tarefa de narrar, em tempo real, o que acontecia naquele mundo apartado do “mundo do asfalto”. Ele conta que apenas usava o Twitter para contar a seus amigos o que se passava na comunidade, mas o relato, com origem em dados locais, ganhou dimensão inesperada. Por meio de retuítes (reencaminhamentos de mensagens), grupos diferentes interessaram-se por seus relatos. Jornais, revistas e emissoras de televisão, nacionais e estrangeiros, repercutiram suas palavras e descrição dos fatos.

De um dia para o outro, os seguidores no Twitter multiplicaram-se. De 700 pessoas para 7 mil em uma hora e, poucos dias depois, para quase 23 mil.

“No final de 2010 aconteceu a Invasão da Polícia no Complexo do Alemão e o VOZ DA COMUNIDADE voltou a tona na mídia, mas não foi porque eu quis...foi por causa das pessoas que me seguiam. Eu estava falando sobre o que estava acontecendo aqui no Complexo, a operação e várias pessoas começaram a enviar mensagens para pessoas famosas dizendo "Ah, segue esse menino ai, é da favela lá onde tá tendo tiroteio, ele tá falando como tá a situação" e em questão de minutos, a autora de novelas da tv globo, Glória Perez viu essa mensagem e começou a divulgar também para as pessoas seguirem. Foi quando eu vi que meus seguidores pipocaram muito rápido e de 700 pessoas, passou pra mais de 7 mil. Fiquei muito assustado na hora e até com medo de falar alguma coisa. Várias pessoas disseram pra eu parar de falar o que estava acontecendo aqui do meu twitter pessoal e voltar a usar o do @vozdacomunidade que tinha apenas 180 seguidores. Pois bem, comecei a usar e várias pessoas começaram a seguir, várias pessoas falando daquilo que a gente publicava, foi uma coisa muito rápida e novamente eu fiquei chocado com o número de seguidores que foi chegando no decorrer dos minutos... Mas continuei publicando o que acontecia, cada vez mais intensa porque o tiroteio começou a rolar, e eu falava toda a verdade do que estava rolando né. Daqui a pouco eu ligo a tv e vejo na globonews falando do twitter @vozdacomunidade e me assustei: "Gente, como assim? acabei de falar aqui no twitter e já está na tv? muito rápido essa parada" - fiquei preocupado por conta da segurança mas correu tudo bem. Atualmente tenho 23.900 seguidores no meu @rene\_silva\_rj e 66.300 pessoas acompanham o @vozdacomunidade pra saber o que anda acontecendo ainda no Complexo do Alemão.” In: <http://rensilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>

Daí para a frente, sua rede chamada “Voz da Comunidade” ganhou página no Facebook, ao lado de um perfil pessoal. A partir de mensagens trocadas com Glória Perez, autora de novelas da Rede Globo de Televisão, Rene foi procurado por celebridades midiáticas e representantes de programas

televisivos, até ser contratado pela emissora. Um exemplo muito claro de como os relatos do “local” interessam ao “global”.

Com a estreia da telenovela “Salve Jorge”, que ocupou a faixa horária das 21 horas de outubro de 2012 a maio de 2013, René tornou-se consultor sobre o Complexo do Alemão, que possuía um núcleo retratado na ficção, e fez pequenas inserções como ator. Sua história pessoal passou, inclusive, a fazer parte da narrativa de Glória Perez.

Ganhou notoriedade por suas habilidades como comunicador, mensageiro e bom negociador, uma espécie de Hermes dos morros cariocas, criando pontes onde antes não existia nenhum teleférico encarregado de diminuir as distâncias. Passou a ser admirado na comunidade em que vivia e a receber atenção extra no espelho virtual em que suas ações se refletiam.

Encerrada a etapa da teledramaturgia, Rene continua atuando como agitador cultural no Complexo do Alemão. Organiza grandes eventos, divulga pequenos comerciantes e permanece conectado 24 horas por dia, com celular ligado até mesmo enquanto dorme. Não há separação entre a vida online desse jovem e sua comunidade circundante. Tudo cabe dentro de seu espaço narrativo e das redes que se prolongam num fluxo contínuo e inseparável entre a comunidade física em que mora - onde cada barraco conversa com seu vizinho, numa lógica territorial e arquitetônica assimétrica, dinâmica e horizontal - e a comunidade que se expressa no espaço digital, espalhada em conexões transversais sem fronteiras.

A iniciativa da emissora de TV líder de audiência no país de buscar apoio em um ator social advindo de outra territorialidade midiática, utilizando-o não apenas como consultor a respeito do universo de sua comunidade original, mas como divulgador de um produto plenamente estabelecido na história televisiva brasileira (a novela), é um episódio significativo e demonstra a necessidade de olhar para os fenômenos da comunicação digital e compreender as múltiplas interações que produzem. Nesse caso específico, a

Globo tentou agenciar a incorporação de discursos das redes para a realização de uma situação midiática massiva.

O tripé de histórias em que baseamos este estudo se completa com Enderson Araújo, de Salvador, Bahia. Aos 22 anos, Enderson não atingiu notoriedade tão significativa quanto René e Isadora. Um dos criadores da página Mídia Periférica, presente no Facebook, com mais de 3.500 seguidores, de um blog com mais de 10 mil views, e Twitter, com cerca de 350 seguidores em agosto de 2013, sua atuação vem ganhando destaque por meio de prêmios e reconhecimentos.

O discurso de Enderson está diretamente ligado às questões culturais e étnicas das periferias da cidade de Salvador. Seus enunciados transitam entre exaltações à capacidade empreendedora da juventude negra, frases motivadoras para os jovens habitantes da periferia, discursos de autoafirmação e opiniões políticas sobre questões locais e nacionais, sempre ligadas à juventude.

Sua participação é resultado de oficinas de formação de comunicadores realizadas na periferia de Salvador, como descrito no item “Sobre”, da página do Mídia Periférica no Facebook.

**Sobre**

Grupo de jovens comunicadores / Group of young communicators - Clique e Saiba Mais / Click and Learn More

**Descrição**

Se Liga Bocão, Na Mira, Se Liga no Pida, Estes são os programas de maior audiência da Mídia Convencional, programas sensacionalistas e que excluem a cultura das periferias e muitas vezes usam as comunidades como cenário para suas matérias sensacionalistas, utilizando imagens de miséria e desgraças. Foi com essa inquietação que três (3) jovens se reuniram durante o curso de Direito à comunicação e produção de vídeo ministrado pelo Instituto de Mídia Étnica (IME) e realizado pelo Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA) na comunidade de Sussuarana em Salvador-BA, e fundaram o Grupo de Comunicadores Jovens Mídia Periférica.

Enderson Araujo, Ana Paula Almeida e a Liege Viegas se reuniam após as oficinas e discutiam bastante sobre os esclarecimentos que o IME passara nas tardes de oficinas, Vídeos, Debates, e Conversas que adentravam as noites inquietavam aqueles jovens. Tiveram a idéia de fazer fotografias pela comunidade e surgiu mais uma inquietação em suas mentes, pois eles começaram a observar que a periferia não só tem misérias, tem as senhoras que se reúnem para tricotar, fazer crochê, tem as crianças que batem uma pelada no final de linha ou empinam pipa enquanto os senhores de meia idade jogam dominó na praça ao fim de tarde. Com essas imagens os jovens do Mídia Periférica faziam vídeo slides e divulgavam na internet em forma de repúdio ao que a mídia convencional pregava sobre as comunidades periféricas, mas sentiam que aqueles vídeos ficavam soltos na internet sem nenhuma referencia daí surgiu a idéia de criar-se um nome que desse referencia as fotos e que o trabalho dos jovens fosse reconhecido, então nasceu o Mídia Periférica. Daí então muita coisa foi acontecendo o projeto terminou, mas a vontade dos jovens levou com que continuassem a se reunir e produzir. Conseguiram um espaço na radio comunitária de Sussuarana aonde transmitem o programa Radiação Favela, um programa de hip-hop que há poucos dias passou a ter

transmissão Online, além disso @s Menin@s conseguiram um apoio da Rede Servidor Para produzirem sua Web TV onde eles produzem quatro tipos de programas: Conversa de Quilombo, Multicultural, Love Periferia e Informe Periférico; e não para por aí, os jovens multiplicam seus conhecimentos em oficinas que são convidados a fazer em outras comunidades, eles passam um pouco do que aprendem para outros jovens, em seus quadros eles escrevem uma vez por mês para a revista Viração! Feita por jovens de todo o Brasil e postam conteúdo na Agência Jovem de Notícias da Revista Eletrônica da Viração. In: <https://www.facebook.com/midia.periferica/info>

Enderson foi um dos 10 jovens premiados na edição 2012 do Prêmio Laureate Brasil, cujo objetivo é reconhecer jovens empreendedores sociais que promovam mudanças significativas nas comunidades em que atuam.

O objetivo inicial do Mídia Periférica era se contrapor aos informativos sensacionalistas que descrevem a periferia como palco de violência constante e local de moradia de criminosos. Com a família residente em Sussuarana, após uma oficina de comunicação, Enderson e os amigos resolveram criar o blog, alimentando o conteúdo em horas vagas nas lan houses da região, uma vez que não possuíam computador.

Os amigos foram se revezando, mas Enderson permaneceu no Mídia Periférica e mantém o próprio perfil no Facebook. Entre fotos com outros jovens, recados pessoais, mensagens convocatórias para protestos contra o aumento dos ônibus em Salvador em 2010, o jovem registra, por exemplo, a morte que presenciou a poucos metros de distância, em 11 de dezembro de 2010: “Mais um jovem é exterminado em minha comunidade..dessa vez foi marcante, foi em minha frente a centímetros de distancia..meu Deus eu não pude fazer nada.. Revolta”<sup>4</sup>

Com enunciados contundentes e muitas referências à cultura afro, Enderson talvez possua o discurso mais radical entre os três, no sentido de defender claramente a criação de alternativas comunicacionais capazes de dar conta da multiplicidade de vozes. No seu caso, especificamente, assume como tarefa a propagação de um ponto de vista periférico, procurando transformar o olhar que vem de fora – aquele olhar que reafirma o imaginário da periferia como um local a ser evitado, perigoso, povoado por sombras do mal, por criminosos e traficantes. Sob o ponto de vista de Enderson, a periferia não passa, tampouco, a ser uma localidade povoada por vítimas, mas por pessoas

---

<sup>4</sup> Depoimento postado no perfil do Facebook: <https://www.facebook.com/enderson.nato?fref=ts>



diferentes, com históricos únicos, uma realidade bem mais parecida com o restante da cidade e, por isso mesmo, muito mais perto de qualquer um.

## **2. O impulso inicial**

De onde surge o desejo inicial de participar de uma rede? O que leva um indivíduo a investir tempo, abrir mão da privacidade e ocupar espaço dentro de um grupo em ambiente digital? Ora, a própria organização da espécie humana, desde tempos ancestrais, se dá a partir da ideia de associação em rede, de criação de elos e conexões. O desejo de fazer parte de uma rede, de um grupo capaz de amparar, oferecer suporte a necessidades materiais, psicológicas e políticas, gerar pertencimento, não causa estranheza de espécie alguma. A estranheza é gerada pelo fato de tal aspiração encontrar campo de desenvolvimento em um ambiente tecnológico, de ser facilitada por um território midiaticizado ainda não totalmente reconhecido.

Se tomamos como perspectiva o isolamento característico das grandes metrópoles urbanas, em que os elos presentes em organizações locais frequentemente já foram rompidos por movimentos de migração ou pelo afrouxamento de laços familiares estendidos e de tradições culturais e religiosas, conseguir estabelecer pontes comunicacionais dentro de uma sociedade hipermidiaticizada torna-se uma das aspirações essenciais dos indivíduos e dos grupos (Castells, 1999). Participar de uma rede capaz de mediar um número aparentemente infinito de relações, dominando a techné específica, utilizando a linguagem adequada, torna-se um modo acessível de reconstruir essas pontes ou construir outras, a princípio inimagináveis.

Faz sentido, assim, a velocidade da adesão e o enorme alcance que as redes sociais digitais atingiram em localidades emergentes do globo, tais como o Brasil, com um histórico de fluxos migratórios e de urbanização avançados.

Para ilustrar essa tendência, tomamos os dados de crescimento da participação da população urbana no total da população brasileira, que

aparecem de maneira ininterrupta e atingem patamar muito elevado na primeira década do século 21, saindo de 45% em 1960; passando para 67% em 1980; 81% em 2000; e, finalmente, 84,3% em 2010.<sup>5</sup> São números que demonstram a velocidade da metropolização do Brasil, em detrimento de uma cultura tradicional de fortes laços comunitários - a exemplo de outros países, como Índia, que também passou por processo semelhante e apresenta hoje alto grau de desagregação social, com crescimento de índices de violência, e que encontra na atuação em redes sociais digitais um meio para restabelecer laços sociais, com números de adesão tão altos quanto os brasileiros.

As características de tais laços envolvem relações complexas e transversais, relativas tanto à comunidade circundante, quanto a comunidades re-territorializadas, construídas por meio de afinidades.

## **2.1 Especificidades**

Os componentes de forte urbanização e isolamento do indivíduo, característicos das grandes metrópoles, ajudam a compreender, mas não explicam sozinhos a força e a rapidez com que as redes sociais digitais conquistaram espaço no Brasil. Possivelmente, parte das características culturais, sociais e políticas nacionais também criou condições favoráveis à adesão imediata e maciça.

Em palestra realizada em 1986, Flusser<sup>6</sup> usa sua experiência de residência no Brasil ao longo de três décadas para apresentar sua visão a respeito das características da especificidade cultural brasileira a uma plateia

---

<sup>5</sup> Dados FIBGE, Censos demográficos de 1940 a 2010, citados no estudo *Metrópoles Brasileiras no século 21: evidências do Censo Demográfico 2010*, apresentado no VII Encontro Nacional sobre Migrações de Tema Central: Migrações, Políticas Públicas e Desigualdades Regionais, realizado de 10 a 12 de outubro de 2011, Curitiba (PR), pelas pesquisadoras Rosana Aparecida Baeninger e Roberta Guimarães Peres. Disponível em: [e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/download/6305/4814](http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/download/6305/4814)

<sup>6</sup> In: ZIELINSKI, Siegfried; Eckhard Fülus (Editors). *Variantology 5 – Neapolitan Affairs. On Deep Time Relations of Arts, Sciences and Technologies*. Cologne: Verlag der Buchhandlung Walther Koenig, 2011.

européia. Afirma que “a maioria das pessoas ali presentes deveria conhecer o Brasil apenas por meio de narrativas ou sagas”, que alinhavam ora um paraíso tropical, ora um lugar violento e atrasado. É óbvio que esse lugar mítico não pode ser reconhecido como o Brasil de verdade, e esse desencontro entre o imaginário e a realidade dificulta a compreensão do que é específico do país.

O autor, ao longo de seus estudos em torno da Imagem – conceito que, para ele, incluía a própria escrita -, desenvolveu um modo particular de análise. A partir das experiências acumuladas no Brasil e por influência de conceitos como o da Antropofagia, empreendeu uma leitura própria dos processos ligados à Imagem em terras brasileiras.

Para Flusser, a parte europeia do Brasil carregou consigo a língua latina, as influências do judaísmo e do cristianismo, às quais se juntaram as culturas dos povos indígenas, africanos e árabes, em um verdadeiro emaranhado étnico e religioso. Kamper (1999, p.30), um pouco mais tarde, também aponta o Brasil como espaço privilegiado de uma grande mistura cultural. Tais características apontadas pelos autores podem ajudar a compreender as razões que levaram o país a adaptar-se rápida e entusiasticamente a uma gama de recursos técnicos capazes de facilitar e acelerar tal alquimia tecno-cultural.

No caso específico do recorte deste estudo, é possível somar, ainda, a necessidade das gerações mais jovens de buscar formas alternativas de construção da identidade e de relacionamento com o coletivo. Para Maffesoli, a desilusão com os resultados obtidos pela geração que se levantou contra o sistema em 1968 (2006, p.2) teria levado a uma reorganização de afetos e sentidos, com a busca de uma atuação de caráter comunitário em detrimento da construção de uma identidade individual.

O autor afirma que tal busca não está mais baseada na oposição *indivíduo X sociedade*, mas sim na resignificação de modos culturais arcaicos, próximos do tribalismo, traduzidos para as circunstâncias contemporâneas, (ibid, p. 6), em uma espécie de “regrediência” em espiral.

Eis o que me parece estar em jogo para nossas tribos contemporâneas. Pouco lhes importa o objetivo a ser atingido, o projeto, econômico, político, social, a ser realizado. Elas preferem 'entrar no' prazer de estar junto, 'entrar na' intensidade do momento, 'entrar no' gozo deste mundo tal como ele é. (Ibid., p. 7).

Esse modo de atuação, em que não importa tanto o futuro distante, com seus objetivos discutíveis e inalcançáveis, mas sim a fruição do presente, com seus conflitos e lutas localizadas, se adequa de forma confortável à lógica de interação comunicacional presente nas redes sociais digitais, marcadas por enunciados curtos, fluidos, efêmeros. Adequa-se, ainda, ao que Maffesoli definiu como a junção do “arcaísmo e da vitalidade”, próxima do mito do *puer aeternus*. Lembrando que, quando cita a “criança eterna” como metáfora da pós-modernidade, o autor não está restringindo a sua aplicação a apenas uma faixa etária específica, mas afirmando que o “conjunto do corpo social é que está em questão”. Em outras palavras, Maffesoli fala do *puer* como *imago*, o arquétipo inconsciente capaz de traduzir o espírito de uma época.

Uma vez que o imaginário do “ser brasileiro” é fartamente alimentado pela ideia de juventude (independentemente de os dados populacionais indicarem um envelhecimento rápido da população), de país eternamente jovem, “o país do futuro”, em que a alegria da fruição das belezas naturais suplanta todas as dificuldades sociais e econômicas, temos um elemento adicional capaz de revelar parte dos sentidos da aderência conquistada pelas redes sociais digitais por aqui.

## **2.2 Limites e ressignificações**

Vamos nos deter em duas plataformas digitais de redes sociais com alta taxa de adesão no Brasil, Facebook e Twitter, e com usos, de certa forma, complementares. A primeira assumiu a dianteira no ranking de utilização nacional e internacional, principalmente por oferecer um grande leque de opções de interação, a partir de uma lógica simples e capaz de “conduzir” as comunicações de um determinado usuário por um caminho em que os demais

são capazes de acompanhar e interferir. O resultado é a visualização de um discurso coletivo aparentemente infinito, mas em que é possível recortar enunciados individuais ou de grupos com interesses específicos.

O Twitter, por sua vez, ao limitar as manifestações textuais aos 140 caracteres, ganhou características muito específicas, geralmente como uma espécie de grande “noticioso”, com chamadas curtas que vão se desenvolver em outros espaços digitais, atingindo um número de usuários menor, mas considerado de alto impacto pelo poder de disseminação de enunciados.

A presença de mecanismos de controle, que impõem determinada ordem e sentido, faz parte da própria genealogia como dispositivos desses dois sites de redes. O acesso irrestrito e o desrespeito à privacidade dos dados de usuários, praticados pelas corporações controladoras dos dois sites em questão são fonte de algumas das discussões mais radicais da comunicação digital.

Assim, é possível também compreender melhor os aparatos digitais utilizando o conceito de “dispositivo”, no sentido imputado por Foucault ao termo e, depois, ampliado por Agambem.

(...) chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEM, 2010, p. 40)

Governos centralizadores ou que se julgam em guerra contra inimigos diversos tendem a pressionar tais corporações para obter informação privilegiada e costumam ser bem sucedidos.

Cabe, portanto, reiterar a não-neutralidade das redes digitais em questão, criadas, mapeadas e/ou posteriormente organizadas por grandes corporações a partir de interesses comerciais. Sua formatação tenta estabelecer os limites de ação de cada usuário, o que nem sempre conseguem.

A partir da constatação do acesso privilegiado aos dados e registros de enunciados de cidadãos, empresas e instituições diversas, concedido não apenas a corporações, mas a governos constituídos democraticamente, é possível afirmar que as redes sociais digitais operam, também, no âmbito da vigilância (Foucault, 1989).

Além de usar registros de ações individuais para impulsionar e direcionar ao público os objetos de consumo adequados ao desejo específico do usuário, a informação é utilizada por governos e agências de espionagem para mapear possibilidades de insurreição, terrorismo e tudo quanto possa ser considerado potencialmente “perigoso”.

Mas, além de serem interrelacionadas, umas servindo de apoio às outras, essas técnicas (de vigilância) se adaptam às necessidades específicas de diversas instituições que, cada uma à sua maneira, realizam um objetivo similar, quando consideradas do ponto de vista político. Já vimos seus objetivos tanto do ponto de vista econômico quanto político: tornar o homem “útil e dócil”. (MACHADO, R. In: FOUCAULT, *Microfísica do Poder*, 1986, p. 18).

### **2.3 Horizontalidades e verticalidades**

Claramente, os dois sites em questão, Facebook e Twitter, tentam capturar a totalidade dos discursos e enunciados de seus usuários, construindo uma imensa narrativa da vida cotidiana, impondo também a forma como tais enunciados devem ser transmitidos, moldando uma boa parcela do conteúdo compartilhado em seus espaços delimitados.

Ainda assim, a transversalidade própria do ambiente digital, baseada em um tipo de organização de características rizomáticas e, portanto, horizontais, múltiplas, policêntricas, mutantes e não-hierárquicas (Deleuze e Guattari,

1980), oferece um esgarçamento dessas imposições e o agenciamento praticado pode ganhar outros contornos, gerando a ressignificação não apenas de enunciados isolados, mas da própria narrativa global dos sites.

O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e como decalque transcendentais, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive suscite um canal despótico [...] Nem outro nem novo dualismo. (DELEUZE, G. e GUATTARI, F., 1980, p. 42)

Esse processo pode ser compreendido, em parte, a partir da observação de movimentos e deslocamentos dos três atores destacados em nossos estudos de caso, que navegam no emaranhado de possibilidades e sentidos das redes sociais. Ao criar hierarquias momentâneas ou fixas, tais redes reafirmam o que parece ter ficado para trás, mas que pulsa firme no centro da lógica digital, assim como em toda a sociedade que a circunda e a penetra.

### **3. Rebeldia em rede**

A apropriação e reinvenção de sentidos narrativos desenhados por aparatos como o Facebook e Twitter puderam ser percebidas em movimentos de caráter muito semelhante e que se espalharam ao longo dos primeiros anos desta segunda década do século 21 por diferentes pontos do planeta, tendo como uma de suas semelhanças a organização por meio do uso das redes sociais digitais. Parte das características de tais ações possuem correspondência com aspectos relevantes das características dos processos comunicacionais desenvolvidos pelos atores sociais estudados neste artigo.

Tidos como manifestações de tipo viral, que começam localizadas e ganham força surpreendente por meio da propagação de atos convocatórios, principalmente nas redes Facebook e Twitter, a Primavera Árabe, o Occupy Wall St., os Indignados, na Espanha, e a Revolta da Praça Taksim, na Turquia, guardam similaridades com os Protestos de Junho de 2013 no Brasil, ao usar estratégias incomuns para manifestações políticas convencionais, como o

humor, ganhando, no primeiro momento, a simpatia e a participação da população.

Ainda que os grupos manifestantes não se restringissem à faixa etária delimitada sociologicamente como “juventude”, o imaginário construído pelos enunciados disseminados em faixas, cartazes, relatos em tempo real compartilhados via redes por meio de smartphones, e pela forma como os espaços eram ocupados por corpos de uma “massa” que se assemelhava mais a inúmeras tribos reunidas e em movimento constante, marcadas por um certo nomadismo expresso na ocupação simultânea de diferentes ruas e avenidas da cidade, remete, mais uma vez, ao que Maffesoli classifica como o reinado do “puer aeternus”. O enfrentamento e a negativa quase sem freios aos símbolos do poder, fossem eles bancos, vitrines de lojas de luxo, policiais e até mesmo as bandeiras partidárias apontam, possivelmente, para o que pode ser um transbordamento desses sentimentos difusos.

Nas redes sociais digitais, o discurso coletivo impôs-se, durante a vigência das insurgências citadas, como uma nova narrativa predominante. Em lugar de postar fotos ou comentários de seus cotidianos, do prato que prepararam, da música que ouviram, da dança que aprenderam, as pessoas passaram a emitir opiniões sobre temas coletivos. Uma mudança momentânea que não excluiu nem diminuiu a importância dos enunciados anteriores, fundamentais na tarefa diária de construção de laços.

Ao alinhar-se ou divergir dos manifestantes, os discursos expressaram descontentamento, trazendo à tona uma série de insatisfações acumuladas e mostrando a multiplicidade de posicionamentos possíveis em torno de um tema comum que se propagou de maneira aparentemente espontânea. Um exemplo de agenciamento capaz de projetar, excepcionalmente, um território comum para o exercício de uma coletividade que também aglutina aspirações do



âmbito emocional, tal como apontado por Maffesoli, em 12 de abril de 2013, em entrevista ao jornal Zero Hora<sup>7</sup>:

As palavras-chave são: racional e emocional. A corrupção é racional. É lutar contra algo que racionalmente não vai bem. No entanto, a homofobia e o casamento homossexual batem no estômago. A pós-modernidade é histérica. Não no sentido pejorativo, mas no sentido do útero, *histerus*. O que retorna agora é o que está ligado à vida cotidiana. Não o *télos*, mas a *proxémia*. Tudo vai ser ocasião, pretexto, para essas grandes indignações coletivas, porque o ar do tempo é emocional. O imaginário está mudando.

Com a construção excepcional dessa narrativa nas redes, o cotidiano saiu dos relatos individuais isolados e tomou conta das ruas, transformadas em mais um canal de transbordamento de desejos, insatisfações, demandas e construção de afinidades grupais – as quais ganharam corpo, inclusive, por meio da violência e da negação do discurso contraditório do outro, numa onda sem freios de caráter moral, própria do arquétipo do “puer”.

### 3.1 Considerações

Restritivas e com regras limitadoras ao tipo de enunciado a ser compartilhado, seja ele composto de texto verbal, imagens fotográficas, ilustrações ou vídeos, as redes sociais digitais ganharam poder e autonomia, com estatutos de conduta próprios, capazes, muitas vezes, de se impor diante de estados nacionais constituídos.

Nesse sentido, vale lembrar Negri e Hardt (2001), quando apontam o poder acumulado pelas corporações da comunicação, na perspectiva da biopolítica. Os autores usam Foucault para falar sobre a passagem da sociedade disciplinadora para a sociedade do controle, marcadamente no limiar da pós-modernidade. Porém, acreditam ser necessário dedicar atenção redobrada à definição do potencial da produção biopolítica. Ao estabelecer as corporações da comunicação como espaços privilegiados do funcionamento do biopoder, estabelecem a emergência da comunicação em rede para uma nova configuração de forças.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/04/sociologo-michel-maffesoli-fala-da-retomada-de-manifestacoes-juvenis-4105060.html>

Dentro de um sistema de vigilância que é ao mesmo tempo fundador e resultado da sociedade de controle, pós-disciplinar, as redes digitais de comunicação assumem papel paradigmático na “pós-modernidade”. Tornam-se palco de embates com desenhos predominantemente rizomáticos, com uma lógica oposta à de uma “guerra” que realmente possa ser levada a cabo. Antes, sinalizam a contradição, a multiplicidade e a necessidade de seguir adiante.

Estabelecem, ainda, nova dimensão na dinâmica das relações comunicacionais no momento em que indivíduos ou grupos apropriam-se de suas características e as colocam a serviço de suas próprias conexões comunicativas, culturais e políticas. Por isso, não parece exagerado afirmar que as redes sociais digitais se prestam, em grande parte, a reunir as mil e uma narrativas de uma Ágora pós-moderna.

Ao analisá-las, talvez seja possível contribuir para a compreensão do que representam tais processos comunicacionais na ação diária de construção de laços afetivos e sociais, e como essas relações se dão na especificidade de indivíduos e localidades, dentro da correlação de forças própria do ambiente de um país de dimensões continentais, marcado por diferenças e desigualdades de todos os tipos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2 (volume I). Les Editions de Minuit, Paris, 1980. São Paulo, SP: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo.** Capitalismo e esquizofrenia. Les Editions de . Minuit, Paris, 1972/1973. Rio de Janeiro: Imago, 1976. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FERREIRA, Flavia Turino. "Rizoma: um método para as redes?" Ensaio disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/251/142>

FLUSSER, Vilém; CARDOSO, R.; ABI-SAMARA, R.- **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**". São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1989

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Biopolítica**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. São Paulo: Vozes, 1986

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MAFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NEGRI, Antonio; HARDT Michel. **Império**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da Mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried; FÜRLUS, Eckhard (Editors). **Variantology 5 – Neapolitan Affairs. On Deep Time Relations of Arts, Sciences and Technologies**. Cologne: Verlag der Buchhandlung Walther Koenig, 2011.